

ENTRE O CONTO E O POEMA (Uma leitura de
Ramos Rosa e Herberto Helder)

Ana Maria Domingues de Oliveira (Unicamp)

Quando se pensa a questão do conto enquanto gênero literário, depara-se com inúmeros problemas até hoje pouco definidos: sua origem, seus limites, suas diferenciações. Este trabalho pretende examinar as nuances entre o conto e o poema, acrescentando aqui o gênero híbrido que é a prosa poética.

Inicialmente, tomo dois livros de Antônio Ramos Rosa: A palavra e o lugar¹ e Quando o inexorável². O primeiro é uma antologia de poemas selecionados pelo autor; o segundo é uma coletânea de textos em prosa. Uso aqui o termo "em prosa" por não poder chamar de "contos" os textos observados. Apesar de não serem distribuídos em versos, estes textos têm um caráter poético que qualquer excerto pode demonstrar:

"O amor da pedra é um amor de sílabas graves,
intactas. De uma matéria grave, intacta, ar
dente e fria. Sílabas densas condensando a
sombra e o espaço. Pedra intacta, pedra opa
ca, fogo e ritmo, água e ritmo da unidade
fragmentada. Respira a pedra na palma. (...)"³

Pode-se notar aqui a existência de procedimentos comuns à poesia: aliterações, repetição de palavras, paronomásias etc. E, no entanto, o texto tem uma distribuição gráfica própria da prosa.

A leitura dos poemas de A palavra e o lugar revela a existência destes mesmos procedimentos, mostrando uma semelhança bastante evidente com os textos de Quando o inexorável. Não há outros elementos, além da distribuição gráfica, que permitam distinguir o que é prosa e o que é poesia.

Levando este aspecto um pouco mais adiante, acrescento à discussão o livro de Herberto Helder, Os passos em volta⁴, uma reunião de contos. Ao contrário do livro em prosa de Ramos Rosa, este traz indicações explícitas de gênero desde a capa: o nome da coleção é "Novos contistas". Assim, desde o primeiro olhar à capa, somos ad

vertidos a respeito do gênero a que os textos que vamos ler pertencem. Transcrevo aqui um trecho do conto "Sonhos". Este texto é composto pela narrativa de cinco sonhos. O que se segue é o último deles:

"O livro que estou a ler tem as letras impressas sobre uma difusa mancha de cinza. Alguém, a meu lado, explica: - É difícil ver com nítidez as coisas desta paisagem, quando se está dentro de um automóvel e chove. As gotas no vidro do pára-brisas confundem tudo, trocam tudo. Es se l, esse t, esse h. Abaixo mais a cabeça sobre o livro, a chuva cai, as palavras são indefiníveis.

- Esta chuva não abrandará? - pergunto. E a pessoa ao lado responde: - Chove menos. O livro diz: Vamos apresentar os desconhecidos. Este senhor não tem nome e, como se verá, desconhece as leis da gramática. O seu estilo é a descoberta simples. Tem o ritmo delta, como as crianças. E então a chuva cessa, as páginas inventam uma sala branca, as letras movem-se, e o desconhecido ingramatical sobe a um pequeno estrado. Sei que possui o esplêndido ritmo delta. Vai dizer coisas maravilhosas. Mas neste mundo chove sempre. As letras adormecem na chuva, e a pessoa a meu lado murmura: - Contudo, as gotas de chuva também são letras. - São maravilhosas - respondo eu. Mas nós próprios, letras adormecemos."⁵

Para tornar possível o exame dos textos de Ramos Rosa e Herberto Helder, transcrevo também trechos de "Ruptura/continuidade", de Quando o inexorável:

"Cansei-me não das palavras, nem da vida, cansei-me. Cansei-me da linguagem, não do real. Cansei-me da realidade, não da linguagem. Nunca me cansei, nunca pude cansar-me na (da) realidade. Impossível ter-me cansado se nunca caminhei sobre a língua, sobre a lande, sobre a glande. (...) Tu viajaste. Nunca saíste do teu quarto. Nunca viajaste no teu quarto. Ignoras o espaço, o eros do espaço. Ignoras o espaço. A linguagem apresenta-te, representa-te a árvore, a pedra, a água, o linho e a seda de um corpo, o rictus da máscara, o ritmo do real inatingível. (...) Sai, se poderes, deste poema vicioso, abre a janela (abre-a, se poderes) abre e respira. Respira a linguagem (do real), respira o poema (real), não, não podes respirar sem a linguagem, não podes abrir a janela sem romperes o cordão que te liga ao umbigo deste poema fétido que se cerra e que se abre mas que não é como uma pálpebra nem como um lábio, que não é nada, nada, nada, pois nem é um grito, nem uma gruta, nem uma trave, nem uma pedra. (...)"⁶

Os dois textos falam de um mesmo tema: a escrita. Pode-se perceber fa

cialmente que, apesar de ambos terem uma "distribuição gráfica" de prosa, o de Helder possui um fio narrativo que o de Ramos Rosa não tem. Por outro lado, este último utiliza recursos poéticos (aliterações, paronomásias, repetições) que o primeiro não usa. Desta forma, poderíamos classificar o de Helder como conto, e o de Ramos Rosa como prosa poética.

Introduzo aqui a teoria de Harald Weinrich⁷, buscando encontrar alguns pontos para a análise dos dois textos.

Weinrich divide os textos em dois tipos: os que pertencem ao mundo narrado e os que pertencem ao mundo comentado. O método para estabelecer a que mundo pertence um texto é a verificação dos tempos verbais empregados pelo escritor. Adaptando os tempos verbais franceses aos do português, a divisão seria a seguinte:

MUNDO NARRADO - pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito.

MUNDO COMENTADO - presente e futuro.

Assim, o texto que possuir um número predominante de verbos em um ou mais tempos do mundo narrado, seria um texto narrativo. O mesmo se dá com aqueles que tenham um número maior de verbos nos tempos do mundo comentado: são comentativos.

Ainda segundo Weinrich, esta alternância no uso dos tempos verbais se manifestaria nos gêneros literários: nas novelas e nos romances (e, portanto, nos contos), predominam tempos narrativos; nos poemas líricos, na crítica, nos ensaios e nos dramas, predominam tempos comentativos.

Aplicando esta teoria aos textos portugueses aqui estudados, chega-se a conclusões curiosas. No trecho de Herberto Helder, os tempos verbais encontram-se ou no presente (a grande maioria) ou no futuro. Desta maneira, este seria um texto comentativo. Já no de Ramos Rosa, há uma alternância entre pretérito perfeito e presente (a maioria). Este seria, então, uma mescla de narrativo e comentativo.

É de se estranhar que o texto que possui um fio narrativo mais facilmente perceptível (o de Helder) se enquadraria no mundo comentado, sendo classificado como poema (ou prosa poética). Pela mesma teoria, o texto mais comentativo teria traços narrativos, situando-se como conto.

Se aplicada a textos mais tradicionais, a teoria de Weinrich funciona sem muitos problemas. Porém neste caso, onde examinamos textos em prosa feitos por poetas, parece haver uma inadequação.

Em busca de novas soluções, observo ainda os verbos utilizados sem, no entanto, deter-me nos tempos empregados.

Pode-se notar que os verbos ditos "de movimento" são mais frequentes no texto de Herberto Helder: ler, explicar, ver, chover, confundir, trocar, abaixar, cair, abrandar, perguntar, responder, apresentar, cessar, inventar, subir, mover-se, adormecer, murmurar. Os verbos de ligação são mais raros e, em alguns casos, aparecem

em contextos que sugerem movimento: "Quando se está dentro de um automóvel" ou "tem o ritmo delta". Há também diálogos, que contribuem para a impressão de coisas acontecendo umas depois das outras.

Já no texto de Ramos Rosa (e em todo o livro), a maioria dos verbos é dos chamados "copulativos" (ou de ligação): ser, haver, poder, apresentar-se, representar. Os verbos que poderiam sugerir algum movimento são "paralisados" pelo contexto em que aparecem: "Tu viajaste. Nunca saíste do teu quarto. Nunca viajaste no teu quarto." ou "Sai, se puderes, deste poema vicioso, abre a janela (abre-a, se puderes) abre e respira (...) não, não podes respirar sem a linguagem, não podes abrir a janela sem romperes o cordão que te liga ao umbigo deste poema fétido (...)". Todos os verbos de movimento são negados ou relativizados em seu contexto. O que se afirma é o ser, o haver, o representar. Não há diálogos. Apenas o narrador dirige-se ao leitor em segunda pessoa, o que cria um clima de intimidade que contribui ainda mais para a sensação de estar lendo poemas (em Portugal, a segunda pessoa sô é utilizada em momentos de intimidade; com pessoas desconhecidas, usa-se a terceira pessoa).

Estes dados, sim, podem fornecer um quadro mais claro do caráter narrativo ou não dos textos em discussão. E o que fica evidente é que Helder, utilizando se de uma temática semelhante à de Ramos Rosa, cria uma narrativa. Já este último opta por dizer poeticamente a mesma coisa, abstenendo-se de distribuir em versos o seu texto, mas enriquecendo-o com todos os artifícios da poesia.

NOTAS:

1. ROSA, António Ramos - A palavra e o lugar. Lisboa, Dom Quixote, 1977.
2. ROSA, António Ramos - Quando o inexorável. Porto, Limiar, 1983.
3. ROSA, António Ramos - Quando o inexorável, p. 26.
4. HELDER, Herberto - Os passos em volta. Lisboa, Portugália, 1964.
5. HELDER, Herberto - op. cit., pp. 28-29. Os trechos grifados aparecem em itálico no texto original.
6. ROSA, António Ramos - Quando o inexorável, pp. 22-23.
7. WEINRICH, Harald - Le Temps. Paris, Seuil, 1973 (trad. Michèle Lacoste), pp. 9-65.